

Página virada

Das mãos do Sr. Haruo Nishimura pode até não sair a cura da "hérnia de disco" do Presidente, mas, livre da dor, Figueiredo readquiriu o bom humor e, numa entrevista em tom cordial, dissipou as apreensões de uma semana marcada pela interferência militar na coreografia da campanha sucessória. Diante de um aparelho de TV, ao Deputado Fernando Lyra, assíduo interlocutor de Tancredo Neves, candidato da Oposição, não escapou a espontaneidade do gesto. Chefe supremo das Forças Armadas, o que disse Figueiredo sublinha a sequência de advertências originárias dos quartéis. "Ele revelou uma faceta desconhecida. Foi tranquilizador o que disse e sobretudo a forma como disse", acha Lyra.

Embora se deva dar razão ao Deputado, é curioso notar que o conceito de democracia do Presidente da República, coincidente, aliás, com a vontade da nação, choca-se com a prática revolucionária de 20 anos. "O direito do povo é o primeiro direito. A minoria tem que baixar a cabeça para o que a maioria decidir", ensina ele, numa reverência tardia ao desejo da sociedade brasileira em 1984. De qualquer forma, o Presidente antecipou a parte do que chama de "sua verdade", e mais uma vez Tancredo Neves demonstrou que a prudência é boa conselheira.

O candidato da Aliança Democrática, por exemplo, lê na íntegra notas militares sobre os desdobramentos da sucessão, mas só grava a conclusão. E a conclusão de todas elas, até aqui, tem repetido o que a ninguém seria dado duvidar: o acatamento à lei. É o que interessa. Decifrados com a utilização desse código, tanto as palavras de Figueiredo, na quarta-feira, quanto os documentos das Forças Armadas, na sexta, não podem significar nada além daquilo que exatamente dizem em seus parágrafos introdutórios. Ou seja, uma exibição da musculatura autoritária do regime às vésperas de ser substituído.

Como bem indaga o ex-Governador do Rio Grande do Norte, Aluizio Alves: "Mudaram os óculos do Governo? Porque o povo é o mesmo e as bandeiras feitas pelas mesmas costureiras da campanha das diretas, antes elogiados como padrão de ordem e hoje acusados de perturbadores". A diferença é lógica: na votação das diretas o Palácio do Planalto agiu e sabia que ia derrotá-las; hoje, ao contrário, está omissivo e já admitiu, mais de uma vez, a vitória do seu adversário.

Eis a questão. A mais de um político Tancredo já confidenciou preocupação com o alto custo de seu favoritismo no Colégio Eleitoral, consciente de que o poder não se transfere sem que enormes dificuldades tenham de ser removidas até que esse dia chegue. Pessoalmente, foi muito claro, nada tem contra o vermelho, a não ser quando esta cor adquire o sabor de pretexto político, caso em que cabe

lhe a responsabilidade de excluí-la da praça em frente ao palanque.

Arriada a bandeira, no entanto, o fundamental é que, seja qual for o candidato eleito a 15 de janeiro próximo, uma página cinza da história republicana terá sido virada. Isso é de uma fatalidade gregoriana, não obstante o slogan "mudança já" haver se incorporado ao patrimônio da Oposição. Por isso o regime debate-se, e ao espernear trai o sentido de autopreservação, aproveitando até festa de inauguração de aeroporto para repreender quem lhe nega solidariedade na hora da morte.

Ninguém ignora que tal método produz efeito sobre o Colégio, a cujas portas também bate o Sr. Paulo Maluf, inquieto com o desfalque que a dissidência do PDS impôs à sua candidatura depois da convenção. Um de seus mais credenciados intérpretes, o Deputado Bonifácio de Andrada, concorda que Tancredo Neves abriu uma dianteira muito grande, por arrebatar atrás de si parcela expressiva da opinião pública. E esta, conforme teoria muito em voga no malufismo, vem sendo confundida como "opinião publicada", isto é, matérias editoriais que teimam em apresentar Tancredo com nome fadado à vitória.

Assim, as notas militares e o discurso de Figueiredo cumpriram o papel de recuperar a desvantagem de Maluf neste trecho da disputa sucessória, depois que o comício de Goiânia e a extinção do grupo *Só Diretas* do PMDB (que se recusava a comparecer ao Colégio) legitimou nas ruas a candidatura indireta. Se o empurrão oficial, além de tudo, for tão forte que desacelere a marcha da Oposição, tanto melhor. Finalmente o candidato do PDS poderá dedicar-se com maior desenvoltura à pescaria de votos nas águas do PMDB, onde contenta-se com a ausência de uma dúzia de parlamentares. Esta segunda parte da estratégia só tem um defeito: enquanto a neutralidade na Oposição leva ao opróbrio, no PDS a infidelidade consagra o herói.

Gusmão e João

Além do Sr. Nishimura, o Secretário de Governo de São Paulo, Roberto Gusmão, também faz bem à saúde do Presidente e da abertura política. Na sexta-feira ele esteve com o Presidente, em São Paulo, com quem manteve uma conversa tão agradável quanto informativa, durante a qual recolheu elogios ao candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves.

O diálogo fez bem ao ego de Figueiredo, que, no sábado, senhor de grande desenvoltura, atingiu sua melhor performance durante uma entrevista à imprensa e aliviou as tensões do país inteiro.

JOSÉ NEGREIROS

Repórter político da sucursal de Brasília do JORNAL DO BRASIL